

A PANDEMIA NÃO TEM ROSTO DE MULHER

THE PANDEMIA HAS NO FACE OF WOMEN

LA PANDEMIA NO TIENE ROSTRO DE MUJER

Claudia Lago

■ Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Entre seus trabalhos recentes mais importantes está *Gender: towards equality?*. In: Pasti, Svetlana; Ramaprasad, Jyotika. (Org.). *Contemporary BRICS Journalism*. 1ed. New York: Routledge, 2018, v. 1, p. 104-129.

■ E-mail: claudia.lago07@usp.br

Claudia Nonato

■ Pesquisadora Associada ao Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Entre seus trabalhos mais importantes está o livro *“As mudanças no mundo do trabalho do jornalista”* (2013, em coautoria com Roseli Figaro e Rafael Grohmann).

■ E-mail: claudia.nonato@uol.com.br

Elisa Canjani

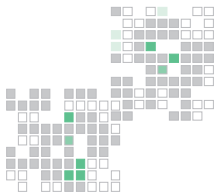
■ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

■ E-mail: elisa.canjani@usp.br

Isabella Bergo

■ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

■ E-mail: isabergo@gmail.com



RESUMO

No contexto da pandemia da Covid-19 o artigo reflete sobre a relação da pandemia com desafios específicos para as mulheres, em função do agravamento da desigualdade de gênero. A partir disto interroga-se sobre a (não) presença das mulheres nas narrativas da Covid-19, tomando como objeto de análise Caderno Especial do O Globo “Boas Práticas da Pandemia”, a partir de adaptação da metodologia de pesquisa do Global Media Monitoring Project (GMMP). Após a investigação constatamos que, apesar de apresentarem um número importante de mulheres nas matérias, estas reforçam os estereótipos de gênero, mesmo que de forma às vezes sutil.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, MULHERES; DESIGUALDADE DE GÊNERO; GMMP.

ABSTRACT

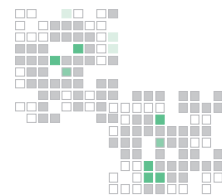
In the context of the Covid-19 pandemic, the article reflects on the relationship between the pandemic and specific challenges for women, due to the worsening of gender inequality. Based on this, it is questioned about the (non) presence of women in the Covid-19 narratives, taking as object of analysis O Globo's Special Notebook “Good Practices of Pandemia”, from the adaptation of the research methodology of Global Media Monitoring Project (GMMP). After the investigation, we found that, despite having an important number of women in the subjects, they reinforce gender stereotypes, even if in a subtle way.

KEYWORDS: COVID-19; WOMEN; GENDER INEQUALITY; GMMP.

RESUMEN

En el contexto de la pandemia Covid-19, el artículo reflexiona sobre la relación entre la pandemia y los desafíos específicos para las mujeres, debido al agravamiento de la desigualdad de género. En base a esto, se cuestiona sobre la (no) presencia de mujeres en las narrativas del COVID-19, tomando como objeto de análisis el Cuaderno Especial de O Globo “Buenas Prácticas de Pandemia”, a partir de la adaptación de la metodología de investigación de Global Media Monitoring. Proyecto (GMMP). Encontramos que, a pesar de tener un número importante de mujeres en los temas, refuerzan los estereotipos de género, aunque sea de forma sutil.

PALABRAS CLAVE: COVID-19; MUJERES; DESIGUALDAD DE GÉNERO; GMMP.



A tarefa de pensar as consequências da pandemia neste momento parece uma ação quase impossível de ser respondida, primeiro por estarmos vivendo-a – mesmo que de formas diferentes em diferentes lugares e por pessoas diferentes nesses lugares. Segundo porque nunca conseguimos prever eficazmente consequências, já que elas estão sempre fora do controle e da previsibilidade racional que tentamos impingir com nossa necessidade de refletir e analisar. E, terceiro, porque os arcabouços teóricos que temos para pensar uma crise desta magnitude neste momento da história parecem falhos.

No entanto, precisamos nos dedicar à tarefa, a partir de nossos lugares, nosso conhecimento situado (Haraway, 1995), nossas perspectivas parciais. E por isso o recorte deste texto: pensar a pandemia e sua relação com as vidas das mulheres. A questão que nos norteia é refletir sobre a (não) presença das mulheres, as mais afetadas, nas narrativas sobre a pandemia e por isso iniciamos mimetizando, no título, o belíssimo livro da ganhadora do Nobel Svetlana Aleksievitch. O livro narra a segunda guerra mundial a partir da perspectiva das mulheres russas que foram ao combate e, sendo mulheres, não apareceram nas narrativas oficiais da história.

Para isso realizamos um exercício de análise de matérias jornalísticas sobre a COVID-19, adaptando os sistemas de codificação utilizados desde 1995 no maior empreendimento global de pesquisa sobre Gênero, o “Projeto Monitoramento Global de Meios” (GMMP). O GMMP foi instituído a partir da Conferência de Beijing (1995), que estabeleceu em sua plataforma de ação doze áreas críticas para se avançar em direção à igualdade de gênero, entre elas a Comunicação.

Os resultados não diferem da percepção que especialistas apontam: a pandemia, apesar de afetar mais diretamente as mulheres por estas serem geralmente as populações mais vulneráveis nos

diversos países¹, não tem rosto de mulher. Não é narrada, pensada, relacionada às mulheres. As narrativas são parte de um quadro mais perverso: as políticas públicas necessárias não apenas para lidar com a pandemia mas, especialmente, para assegurar um futuro pós-pandemia, não estão atravessadas por uma perspectiva de gênero – essencial se quisermos diminuir a desigualdade social, que inicia sendo uma desigualdade apoiada no gênero.

Iniciamos contextualizando a Pandemia, para depois nos deter na discussão da desigualdade de gênero em tempos de COVID-19. Em seguida apresentamos a análise de matérias jornalísticas sobre a pandemia, explicando os critérios de escolha empírica, apresentando a análise e os resultados. Encerramos com considerações sobre os achados ilustrativos.

1. O que há de novo na Pandemia?

Esta não é a primeira pandemia e pode não ser a última em curto espaço de tempo, mas parece se articular de forma distinta no mundo em que vivemos. Por este mundo estar conectado (física e virtualmente) de forma sem precedentes na história. E por ela rapidamente ter atingido os países do Norte Global. Aqui é importante um parêntese para tentar iluminar algumas percepções. Vivemos em um mundo extremamente desigual, com crescentes concentrações de renda nas mãos de grupos minoritários. Desde 2015, 1% da população mundial mais rica concentra mais recursos do que o restante do mundo e os **oito homens** mais ricos possuem mais riqueza do que metade das pessoas do planeta (Hardoon, 2017). Uma

1 Não trabalhamos com uma perspectiva essencialista de mulheres como iguais e universais. Mas, apesar de em países como o nosso mulheres brancas estarem em posições sociais bem mais valorizadas do que mulheres não brancas, no cômputo geral quando se olha para as populações mais vulneráveis, veremos que mulheres estão nesta base – caso das mulheres negras no Brasil.



desigualdade que se reproduz entre as nações e, dentro delas, entre grupos (Undesa, 2020).

A concentração de renda, aliada a um discurso que defende mundialmente, e implementa localmente, cortes nas políticas sociais de saúde, educação, previdência social, aliada a políticas de corte dos salários, é parte desta engrenagem e combinou-se com a pandemia. Como lembra Santos, “Em muitos países, os serviços públicos de saúde estavam mais bem preparados para enfrentar a pandemia há dez ou vinte anos do que estão hoje” (Santos, 2020, s/p).

Assim, a pandemia amplificou e aprofundou as desigualdades já sabidamente existentes, afetando especialmente trabalhadores/as na informalidade (sem amparos das garantias trabalhistas), as populações de rua, habitantes das periferias que vivem em situações precárias, sem infraestrutura de saneamento básico e sem ou com pouco acesso aos serviços públicos, incluindo aí os de saúde, idosos, pessoas deficientes, internados em campos de refugiados (Santos, 2020, s/p). Grupos que, somados, perfazem mais do que a maioria da população mundial.

É nesse contexto que a pandemia se alastrou. Do ponto de vista epidemiológico, a COVID-19 faz suas baixas especialmente junto às populações mais vulneráveis, aquelas com menor acesso aos sistemas de saúde.

No entanto, dada sua rápida propagação, além da capacidade de sobrecarregar os sistemas de saúde, a pandemia passou a assustar grupos sociais que, mesmo que possivelmente cientes dos relatórios de desigualdade, até então viviam dentro de uma falsa segurança, uma falsa percepção de que estavam protegidos neste mundo tão violento para a maior parte da humanidade.

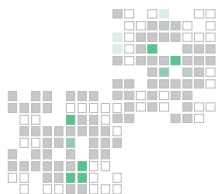
A resposta à orientação da OMS de isolamento social, é um exemplo dessa disparidade da relação das sociedades com a pandemia, e dividiu não apenas países, mas internamente grupos dentro dos países. A orientação de isolamento

pressupôs a possibilidade de isolamento e isso dividiu o mundo entre aqueles/las que, por condições específicas de vida e trabalho aderiram ao solicitado, aqueles/las que poderiam, mas se recusaram por estarem capturados/as pela falsa oposição salvar economias x salvar vidas (especialmente porque tinham a sensação de que não eram as suas vidas em jogo) ou por outros discursos negacionistas sobre a ciência e, especialmente, aqueles grupos que, nem que desejassem poderiam aceitar o isolamento: ou porque são trabalhadores/as informais, que precisam do trabalho diário para a manutenção da vida, ou porque vivem em situações de aglomeração nas periferias das cidades, ou porque estão encarcerados, ou porque não têm acesso à água potável (tão essencial para lavar as mãos). Pessoas que já vivem uma vida de segregação dentro das cidades (Santos, 2020, s/p).

Mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que aprofunda, evidencia e reforça as desigualdades, a pandemia também as camufla, e aqui tem especial importância o papel da mídia no processo. Por também atingir grupos sociais privilegiados, a pandemia tende a ser narrada a partir das perspectivas e olhares destes grupos, com mais intensidade do que o habitual, ampliando vieses já costumeiros na cobertura jornalística. Se é necessário um número expressivo de pesquisas para mapear este comportamento no geral, em relação à cobertura a partir de uma perspectiva de equidade de gênero esta já é uma percepção consolidada, e que passaremos a focar a seguir.

2. Nos 25 anos da Conferência de Beijing havia uma Pandemia

Talvez uma das ironias deste tempo, entre tantas, é o fato de 2020 ser o ano em que comemoramos os 25 anos da 4ª Conferência Mundial das Mulheres, promovida pelo ONU Mulheres em 1995 em Beijing. A Conferência de Beijing foi um marco, não apenas pelo número de partici-



pantes, mas pelos avanços no estabelecimento de metas para atingir a igualdade de gênero em nível planetário. Na ocasião foram indicadas doze áreas prioritárias para atuação, de onde destacamos²: a desigualdade de acesso aos serviços de saúde, a violência contra a mulher, a relação com os meios de comunicação – tanto no combate aos estereótipos, quanto na desigualdade de acesso na produção de conteúdo e controle das mídias (ONU Mulheres, 1995).

A ironia que mencionamos acima, se dá pelo fato da pandemia afetar direta e profundamente as mulheres, que compõem as bases dos grupos mais vulneráveis a crises, de modo geral. No entanto, pelas características da crise originada pelo COVID-19, acentua-se a vulnerabilidade em função da perda dos postos de trabalho (a informalidade afeta diretamente as mulheres no mundo), o aumento da sobrecarga de trabalho de cuidado (especialmente com o fechamento das escolas), o aumento dos índices de violência doméstica contra mulheres e crianças e o aumento do feminicídio.

Em recente relatório em que trata as questões que enfocam questões de gênero e Pandemia (UN Women, 2020), o ONU Mulheres sistematiza dados, pesquisas e políticas produzidas acerca do impacto da COVID-19, especialmente como ela está afetando a pobreza extrema, empregos, saúde, serviços de cuidados não pagos e ampliando a violência, sobre mulheres e meninas no mundo. O diagnóstico é assustador: sem medidas de proteção, com a contração da economia

2 Os demais tópicos essenciais são: a feminilização da pobreza, a necessidade de garantir acesso à educação e capacitação, os efeitos das guerras nas mulheres, a desigualdade na participação nas estruturas econômicas, a desigualdade na participação nas estruturas dos poderes políticos, a insuficiência de mecanismos de promoção do avanço das mulheres, as deficiências na promoção e proteção dos direitos das mulheres, desigualdade de participação nas decisões sobre o manejo de recursos naturais e proteção ambiental, necessidade de proteção e promoção dos direitos das meninas.

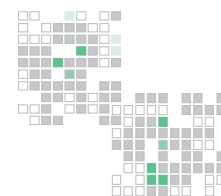
em 2020, estima-se que 435 milhões de mulheres e meninas viverão com menos de 1,9 dólares ao dia em 2021 e que 47 milhões de meninas e mulheres serão jogadas na pobreza como resultado da pandemia.

Em relação ao trabalho, é fácil entender os impactos. Mulheres no mundo ganham menos e possuem empregos mais precários, informais. Além disso, muitos dos setores frontalmente atingidos pela pandemia são setores que empregam especialmente mão de obra feminina, como trabalhadoras domésticas e cuidadoras. Muitas perderam seus baixos salários com o isolamento, outras tiveram que se sujeitar a trabalhar e a se expor para manter os rendimentos. Lembrando que no Brasil isto afeta especialmente mulheres negras, pois são a maioria das mulheres empregadas nestas condições.

Considerando-se que, segundo o relatório, 70% da força de trabalho em serviços de saúde e de cuidados é formada por mulheres, estas também estão mais expostas ao vírus. Dados coletadas na Alemanha, Itália, Espanha e Estados Unidos apontam que mulheres em ocupações de saúde apresentam contaminação pela COVID-19 duas a três vezes maiores do que seus colegas homens.

Ainda em relação à questão dos cuidados, há um aumento significativo do trabalho doméstico (não remunerado), seja pelo isolamento, seja pela perda de postos de trabalho, seja pelo fechamento das escolas. Há uma sobrecarga que, se afeta também os homens, afeta direta e frontalmente as mulheres, especialmente as que têm filhos pequenos, já que um dos pilares da desigualdade de gênero é a divisão do trabalho que naturaliza para as mulheres os serviços de cuidado da família (incluindo aí alimentação, cuidado e educação dos filhos/as e idosos/as, administração da casa, etc.).

Por outro lado, o aumento do confinamento coloca em casa mulheres e meninas em contato direto e constante com agressores, ao mesmo tem-



po em que diminui a possibilidade de pedir ajuda a organismos de proteção. Com consequências funestas, como aponta, no Brasil, o Fórum de Segurança Pública (FBSP, 2020). Segundo o órgão, o número de feminicídios cresceu 22% (até maio de 2020) e chamadas para o 190 da Polícia Militar relatando violência doméstica cresceram 5% em abril, em comparação ao mesmo mês em 2019.

Por conta deste quadro era de se supor (esperar), que a cobertura midiática narrasse o rosto de mulher na pandemia. Infelizmente não é o que acontece, ao contrário, como aponta pesquisa sobre matérias jornalísticas acerca da COVID-19 realizada em seis países, Inglaterra, Quênia, Estados Unidos, África do Sul, Nigéria e Índia (Kassova, 2020). O relatório indica que as vozes (rostos) das mulheres foram marginalizadas na cobertura da pandemia, mais do que o costumeiro, já identificado por mapeamentos anteriores³.

A pesquisa apresenta dados não apenas sobre quanto as mulheres são representadas nas notícias, mas como o são, a partir de três indicadores de desigualdade de gênero: mulheres como fontes especialistas nas notícias, histórias com mulheres como protagonistas e se a cobertura apresenta discussões sobre a questão da igualdade de gênero. Os resultados mostram que há um viés masculinista (Veiga da Silva, 2014) na grande maioria da cobertura analisada, que acontece em um pano de fundo “de efetiva invisibilidade política das mulheres dentro do processo de tomada de decisão relacionado ao COVID-19 nos países analisados” (Kassova, 2020, p. 10), impedindo a visibilidade dos desafios socioeconômicos, de saúde e psicológicos únicos que as mulheres enfrentam globalmente. Ou seja,

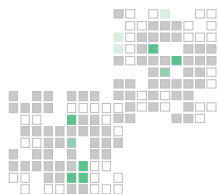
A ausência de perspectivas das mulheres na cobertura das notícias sobre a COVID-19 significa que as mulheres têm influência limitada sobre o enquadramento da crise nas notícias e, conseqüentemente, influência limitada sobre a formulação de políticas públicas. Como resultado, as mulheres estão cada vez mais em risco de serem ainda mais marginalizadas dentro de diferentes sociedades, em meio à mais significativa crise de saúde de nossas vidas. (Kassova, 2020, p.10)⁴

Os achados indicam que homens são citados de três a cinco vezes mais nas notícias do que as mulheres; mulheres aparecem preferencialmente como fontes de experiências pessoais e não como especialistas; mulheres aparecem menos como protagonistas do que e em tempos normais, em que este número já é bastante reduzido: apenas uma em quatro protagonistas (23%); a dimensão da equidade de gênero praticamente desapareceu da cobertura jornalística e, mesmo quando ela aparece há predominância de personagens masculinos. Mais alarmante, os enquadramentos obstaculizam a percepção dos desafios únicos colocados para as mulheres. Enquadramentos que apontam para as necessidades das mulheres estão restritos a nichos específicos, que tratam de aspectos humanitários, cooperativos etc. (Kassova, 2020)

Em resumo, a pesquisa conclui que a COVID-19 exacerbou a falta das vozes de mulheres nas coberturas jornalísticas, e atribui este crescimento ao enquadramento de guerra da pandemia, que reforça a ideia sexista de que homens são melhor equipados para lidar com a crise (Kassova, 2020).

3 Aqui nos referimos especificamente ao *Global Media Monitoring Project (GMMP)*, sobre o qual falaremos adiante.

4 No original: *The absence of women's perspectives in COVID-19-related news coverage means that women have limited influence over the framing of the crisis in the news and consequently, limited influence over policy making directions. As a result, women are at every greater risk of being further marginalized within different societies amid the most significant global health crisis of our lifetimes.* Tradução nossa.



Em que pese não ser viável replicar a extensa pesquisa, é possível verificar alguns de seus achados em um exercício de análise que adota a metodologia proposta pelo “Projeto Monitoramento Global de Meios” (GMMP), que desdobraremos a seguir.

3. O GMMP e um exercício de análise

A metodologia adotada para elaboração desse artigo foi baseada na *Global Media Monitoring Project* (GMMP), uma das maiores e mais antigas pesquisas sobre gênero na mídia, organizada pelo *Who Makes the News?* (WACC), portal que se auto define como de conhecimento, informação e recursos em pesquisa de mídia aplicada⁵. Essa pesquisa, realizada a cada cinco anos (desde 1995) por voluntários/as de oriundos/as de organizações comunitárias, universidades e de mídia de várias regiões do mundo, avalia indicadores selecionados de gênero na mídia, como a presença feminina, preconceito e estereótipos em notícias, entre outras categorias. O WACC realiza esse trabalho em parceria com a ONU Mulheres, a UNESCO e a Aliança Global sobre Gênero e Mídia (GAMAG) e considera que “uma representação justa e equilibrada de mulheres na mídia é capaz de desempenhar um papel crítico no avanço da igualdade de gênero e no empoderamento das mulheres” (online). Entre os resultados, o monitoramento mundial apontou que as mulheres são pouco representadas nas notícias: apenas 24% do que é produzido como notícia no mundo fala sobre mulheres ou recorre a elas

5 Disponível em: < <http://whomakesthenews.org/>>. No site encontra-se toda a metodologia utilizada pelo projeto, que adaptamos para este artigo. Importante apontar que a cada cinco anos a metodologia é aperfeiçoada. O site disponibiliza gratuitamente os guias em quatro idiomas, que orientam desde a seleção das mídias a serem pesquisadas (jornais impressos, rádios, emissoras de TV, portais de internet e postagens da rede social Twitter) até os guias completos para obtenção de detalhes sobre questões e problemas a serem considerados durante a codificação. Acesso em 28 de set. de 2020.

como fonte.

O mapeamento levanta questões quantitativas e qualitativas acerca das notícias. Em termos quantitativos são cerca de 20 interrogantes sobre as matérias (que variam conforme o tipo de veículo), que se dividem em blocos que buscam entender:

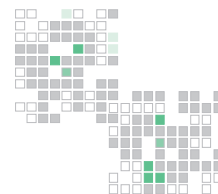
- 1) a importância e a amplitude da notícia
- 2) a relação com questões de gênero, enfocando se faz referência à igualdade de gênero/legislação de direitos humanos/políticas; se é sobre uma mulher ou grupo de mulheres; se aponta claramente questões de desigualdade entre homens e mulheres; se desafia estereótipos de gênero
- 3) gênero de jornalistas que produziram a notícia
- 4) quem são as pessoas que aparecem (todas as citadas), indagando sexo, idade, ocupação/cargo, a função que desempenham na notícia, se aparecem relações familiares, se indica a pessoa como vítima, sobrevivente ou ambas, qual tipo de vítima e/ou sobrevivente, se a pessoa é citada diretamente, se aparece fotografia da pessoa.

Além dessas perguntas, que são respondidas por meio de códigos que permitirão depois o levantamento estatístico, o mapeamento solicita que se indiquem notícias que mereçam análise aprofundada: a) por desafiam estereótipos, b) por reproduzirem estereótipos, c) que não incluam as opiniões ou pontos de vista de mulheres, d) que revelem equilíbrio de gênero entre as fontes, e) notícias que permitam um entendimento das desigualdades de gênero.

Neste artigo utilizamos apenas os interrogantes dos itens 2 e 4, além de enquadrarmos as notícias a partir da perspectiva qualitativa.

O *corpus* adotado foi um grupo de oito matérias publicadas na capa da página “Notícias sobre boas ações na pandemia”⁶, no portal *O Globo*,

6 Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca-boas-acoes-na-pandemia/>>. Acesso em: 26 set. 2020.



pertencente ao portal de notícias da TV Globo (Globo.com), que ocupa a quinta posição entre os sites mais visitados no Brasil e a 118ª no ranking mundial. Foi escolhido pois, ao tratar de assuntos referentes ao amparo, “cuidado”, solidariedade, tínhamos a impressão poderiam trazer um pouco mais de rostos e perspectivas de mulheres, já que estas quando aparecem na mídia geralmente o fazem relacionadas a aspectos que são construídos enquanto femininos – por isso, por exemplo, mulheres são chamadas a falar de aspectos da esfera do privado, enquanto que ho-

mens são os que abordam assuntos e temáticas pertencentes à esfera pública.

A página *Boas ações na pandemia* está alocada dentro de um caderno especial chamado *Coronavírus* e traz diariamente iniciativas de solidariedade (de civis ou de organizações sociais) realizadas durante a pandemia. A primeira matéria foi publicada em maio de 2020, no auge do que está sendo chamado de “primeira onda” da pandemia, mas as matérias analisadas neste artigo foram capa da publicação de 26 de setembro de 2020, conforme a imagem abaixo:

Figura 1. Print screen da página *Boas Ações na Pandemia*



Escolhemos esta página em especial para termos um número manejável de matérias a serem codificadas. Para efeito de análise, foram selecionadas as oito matérias que apareceram na capa, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1. Matérias analisadas

Data	Autor(a)	Título
20/08/2020	Paula Ferreira	Blocos de carnaval da região portuária do Rio se unem em ações de solidariedade durante a pandemia Disponível em: https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca/boas-acoes-na-pandemia/blocos-de-carnaval-da-regiao-portuaria-do-rio-se-unem-em-acoes-de-solidariedade-durante-pandemia-24464466
24/08/2020	Sérgio Matsuura	ONG distribui alimentos e gera renda para moradores do Complexo da Maré Disponível em: https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca/boas-acoes-na-pandemia/ong-distribui-alimentos-gera-renda-para-moradores-do-complexo-da-mare-24480815
03/09/2020	Paula Ferreira	Plataforma mapeia boas ações na pandemia e liga doadores a iniciativas Disponível em: https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca/boas-acoes-na-pandemia/plataforma-mapeia-boas-acoes-na-pandemia-liga-doadores-iniciativas-24462276
07/09/2020	Sérgio Matsuura	‘As pessoas que ajudamos também cuidaram da gente’, conta psicóloga voluntária na pandemia Disponível em: https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca/boas-acoes-na-pandemia/as-pessoas-que-ajudamos-tambem-cuidaram-da-gente-conta-psicologa-voluntaria-na-pandemia-24613306
10/09/2020	Paula Ferreira	Mutirão auxilia agricultura familiar e pessoas de baixa renda durante a pandemia Disponível em: https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca/boas-acoes-na-pandemia/mutirao-auxilia-agricultura-familiar-pessoas-de-baixa-renda-durante-pandemia-24612513



14/09/2020	Sérgio Matsuura	Projetos encontram doadores de computadores para alunos continuarem estudando na pandemia Disponível em: https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca/boas-acoes-na-pandemia/projetos-encontram-doadores-de-computadores-para-alunos-continuarem-estudando-na-pandemia-24626727
21/09/2020	Paula Ferreira	Torcedores se unem em vaquinha para ambulantes que trabalham em estádios Disponível em: https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca/boas-acoes-na-pandemia/torcedores-se-unem-em-vaquinha-para-ambulantes-que-trabalham-em-estadios-24638460
24/09/2020	Paula Ferreira	Fundações criam conteúdo audiovisual grátis para escolas públicas durante a pandemia Disponível em: https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca/boas-acoes-na-pandemia/fundacoes-criam-conteudo-audiovisual-gratis-para-escolas-publicas-durante-pandemia-24638235

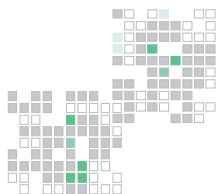
Fonte: Próprias autoras.

Em um primeiro momento, observando as oito fotos que abrem as matérias selecionadas⁷, podemos ver em termos de quantidade uma presença equilibrada entre protagonistas de ambos os gêneros, com homens e mulheres em fotos sozinho/as, mulheres em foto conjunta, meninos em foto conjunta e uma foto com várias pessoas de ambos os gêneros.

A perspectiva quantitativa aponta para alguns achados. Em primeiro lugar, nenhuma das matérias, ao tratar especificamente da COVID-19, adota uma perspectiva de equidade gênero que dê conta da forma específica como mulheres e homens são atravessados pela pandemia. Esta perspectiva é necessária para contrapor às construções que naturalizam o universal como masculino. Ou seja, se as matérias são escritas sem apontar para esta naturalização da proeminência do masculino, elas tendem a reforçá-la. Assim,

segundo a perspectiva do GMMP, perde-se uma boa oportunidade de caminhar em direção ao enfrentamento da desigualdade de gênero. Especialmente se pensarmos que a vulnerabilidade sobre a qual as iniciativas atuam, como já indicamos anteriormente, atinge mais frontalmente mulheres. Como exemplo, citamos a matéria “ONG distribui alimentos e gera renda para moradores do Complexo da Maré”, que fala da distribuição alimentos e kits de higiene e limpeza e que “promove geração de renda para mulheres, que são contratadas para prepararem quentinhas ou máscaras de proteção”. Somos informadas que são 30 cozinheiras e 50 costureiras envolvidas com o projeto, ou seja, aquelas que estão sendo beneficiadas com a geração de renda. No entanto, a matéria neutraliza a geração de renda voltada às mulheres ao, por exemplo, em seu título falar em “renda para moradores”, que são naturalmente lidos como do gênero masculino, até porque geração de renda é temática que é socialmente colada

⁷ As fotos estão disponíveis no *print screen*, presente no trabalho, e quando se abre o link de acesso.



ao universo masculino. Perde, portanto, a chance de enfatizar a necessidade de ações específicas que atendam mulheres em relação a este aspecto, a geração de renda – tão necessária na pandemia e que, mesmo reportada pela matéria, é diluída e não enfatizada.

Por outro lado, ao contrário do costumeiro, o número de mulheres citadas é superior ao de homens. De 26 pessoas, 16 são mulheres e 10 homens. Aqui supomos que, conforme indicamos na escolha do corpus, por se tratar de um caderno que fala de “boas ações”, voltado para iniciativas de auxílio, sociais, filantrópicas, ou seja, relacionadas à questão do cuidado -- que é definida por nossa sociedade como uma prerrogativa e obrigação de mulheres, o que em si relaciona-se a estereótipos de gênero.

O GMMP apresenta algumas categorias para identificar pessoas que aparecem nas matérias analisadas. Em relação à sua função, aponta as possibilidades: não identificada; sujeito; porta-voz; especialista; experiência pessoal; testemunha ocular; opinião popular ou outra⁸. Esta categorização é importante porque está entrelaçada com a legitimidade e os enquadramentos de gênero que se faz sobre as fontes. Assim, a maioria dos especialistas, ou seja, aqueles aptos a emitir comentários legitimados sobre as situações, no conjunto das matérias jornalísticas mundiais, são homens. As mulheres, quando aparecem como especialistas geralmente o são em esferas construídas como femininas (notadamente relacionadas ao cuidado). Quando são entrevistadas, o são como indicadoras de experiências pessoais, ou seja, transitando na esfera do privado⁹, ou seja, mulheres, quando retratadas em notícias, tendem a sê-lo a partir da lógica de falar do pró-

8 Neste caso é necessário explicar em campo à parte qual a função identificada.

9 Para aprofundar sobre estes indicadores ver o último relatório do GMMP, disponível em <http://whomakesthenews.org/gmmp/gmmp-reports>

prio (o pessoal, sua experiência) e muito menos como especialista sobre os temas, principalmente se estes são da esfera da política, economia -- as chamadas *hard news*. Em nosso corpus, a maioria das pessoas que aparecem nas matérias ocupa a função de Porta Voz (17), ou seja, fala em nome de um grupo. O que é compatível com o tipo de reportagem, que enfoca ações de entidades/ongs/grupos para auxiliar pessoas necessitadas na pandemia. Mas, seguindo a lógica reiterada, das quatro pessoas que aparecem para dar sua Experiência Pessoal, apenas uma é homem. Por outro lado, os dois únicos Especialistas que aparecem no conjunto, são homens¹⁰.

É a partir das funções e tratamentos dispensados às fontes que podemos perceber a construção de estereótipos de forma mais sutil. É o caso de “Mutirão auxilia agricultura familiar e pessoas de baixa renda durante a pandemia”. O primeiro entrevistado é voluntário do mutirão e tem sua profissão (geógrafo) evidenciada. Outro personagem masculino que fala é um dos poucos que encontramos no corpus na função de especialista. Por outro lado, a presidente de umas das associações, que recebe doações e se encarrega da distribuição, e que apresenta seu testemunho sobre a atividade não tem profissão mencionada e, inclusive, não sabemos se tem profissão.

Seguindo ainda a lógica do GMMP, podemos nos deter em algumas das matérias que constroem de forma bastante evidente estereótipos de gênero. É o caso, por exemplo, de “As pessoas que ajudamos também cuidaram da gente”, conta psicóloga voluntária na pandemia”. Esta reportagem, única a trazer no título alusão específica a uma mulher, é também a única que inicia com uma citação de cunho pessoal e que incorpora os verbos **ajudar** e **cuidar**. Estes, como já mencionamos, são construídos como relativos exclusiva-

10 Outros personagens são duas crianças e uma pessoa mencionada sem citação de fala.



mente ao feminino, estereótipo que é reforçado pela matéria, especialmente se a olharmos no conjunto mais amplo das notícias selecionadas -- mesmo que os verbos tenham sido ditos por uma mulher. Ao mesmo tempo, a especialista mulher, alçada ao lugar de especialista profissional do cuidado, é também alguém que precisa ser cuidada em nível pessoal, como nos informa a reportagem. Mais simbólico é o outro projeto narrado pela matéria, desenvolvido por cinco mulheres, e que tem como foco assistir profissionais da linha de frente do atendimento às vítimas de COVID-19. Aqui, a retórica de guerra é encampada: é uma “batalha”, portanto associada ao masculino: “O foco eram as pessoas que estavam na linha de frente, do porteiro ao diretor do hospital”. Ficamos sabendo que 800 psicólogos se associaram à iniciativa e imaginamos que, numa profissão com um contingente expressivo de profissionais mulheres, a maioria das voluntárias deveria ser do gênero feminino. Mas, assim como nas histórias de guerras, os “combatentes” serão todos reforçados como pertencentes ao masculino genérico.

Este tipo de enquadramento em funções estereotipadas de gênero também aparece na matéria “Fundações criam conteúdo audiovisual grátis para escolas públicas durante a pandemia”, em que aparecem duas crianças (dois meninos) e sua mãe como responsável pelo cuidado e pela educação, já que é a única encarregada de organizar a rotina de estudo das crianças. Aqui, como na maioria das matérias que trata da educação no âmbito familiar, o personagem que transparece como responsável exclusivo pela tarefa é a mulher.

Este tipo de construção que reforça os papéis tradicionais de gênero aparece no conjunto das matérias, mesmo que, ao contrário da maioria do que corriqueiramente observamos nos produtos jornalísticos, tragam mais mulheres como fontes.

3. À guisa de conclusões

A COVID-19, como talvez o primeiro evento verdadeiramente mundial desde a 2ª guerra, jogou todos e todas em um mesmo mar revolto, mesmo que poucas pessoas estejam atravessando este momento em iates, algumas em barcos, outras em botes salva-vidas e a maioria a nado. Com isso a pandemia difundiu para quem quiser ver a insustentabilidade em todos os níveis (social, ecológica) do mundo em que vivemos, e acentuou a vulnerabilidade de determinadas populações. Como já enfaticamente assinalado em nosso artigo, esta vulnerabilidade confronta de forma única as mulheres.

Ao mesmo tempo a COVID-19 ajudou a afastar ainda mais as coberturas jornalísticas de uma perspectiva que se coaduna com os preceitos estabelecidos há 25 anos na Conferência de Beijing, ao indicar como uma das áreas chave do combate à desigualdade o equilíbrio de gênero nas narrativas construídas pela mídia. Contrariamente a esta prerrogativa, as mulheres são menos citadas como fontes nas matérias sobre a pandemia do que o são nas reportagens cotidianas. Continuam aparecendo majoritariamente por seus relatos de experiências pessoais e muito menos como especialistas, em que pese a linha de frente de profissionais que atuam no atendimento da COVID-19 ser formada em grande parte por mulheres.

Em nosso exercício percebemos que, mesmo em material destinado a falar de ações de solidariedade, de ajuda e de “cuidado”, portanto da esfera do feminino na nossa sociedade, as mulheres ocupam papel menor. Não tanto em termos de presença, mas nos enquadramentos que as colocam prioritariamente coladas a lugares de gênero constantemente reforçados e que não deixam antever seus desafios específicos.

Mais importante é perceber que neste tipo de material, a dimensão da equidade de gênero é

praticamente inexistente. A pandemia afeta a homens e mulheres de forma distinta, já que distintos são seus lugares sociais. Mas as narrativas sobre a pandemia se dão a partir da lógica de um sujeito homem, único, que representa uma suposta universalidade. E, ao não narrar a especificidade, a torna inexistente.

Paradoxalmente, a pandemia também mostra

que tudo aquilo que tem a ver com o cuidado, que é tradicionalmente construído como da esfera do feminino e, portanto, deslegitimado, é o que precisamos reforçar para enfrentar este e outros desafios globais. Resta saber se os sistemas de Comunicação, essenciais para enfrentar a desigualdade de gênero, estarão aptos a esta tarefa. Até agora não estão, ao contrário.

Referências

- FBSP. *Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19 – ed. 2 – v.5*. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2020
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Campinas, *Cadernos Pagu*, v. 5, 1995, pp 07-41.
- HARDOON, Déborah. An economy for the 99%. *OXFAM International*. 16 jan. 2017. Policy Papers. Disponível em: <<https://www.oxfam.org/en/research/economy-99>>. Acesso em: 25 set. 2020.
- KASSOVA, Luba. The Missing Perspectives of Women in COVID-19 News. *AKA Report*, 2020. Disponível em: <https://www.iwmf.org/wp-content/uploads/2020/09/2020.09.16-FULL-COVID-REPORT.pdf> Acesso em 23 set. 2020
- ONU MULHERES. *Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher*. 1995. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra, Edições Almedina, 2020.
- VEIGA da SILVA, Marcia. *Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias*. 2014. Florianópolis: Insular.
- UN WOMEN. *From insights to action: Gender equality in the wake of covid-19*. Disponível em: <<https://www.unwomen.org/-/media/headers/attachments/sections/library/publications/2020/gender-equality-in-the-wake-of-covid-19-en.pdf?la=en&vs=5142>>. Acesso em: 18 set. 2020.
- UNDESA. *World Social Report 2020: Inequality in a rapidly changing world*. Disponível em: <<https://www.un.org/development/dspd/world-social-report/2020-2>>. Acesso em: 25 set. 2020.

